



Valéria Simões

A Bahia e as Redes Planetárias de Comunicação

Nelson Pretto*

Messias Bandeira**

A Internet virou moda.

Todos falam sem parar na possibilidade de estarem conectados com o mundo a partir de um micro, um modem e uma linha telefônica. De fato, as possibilidades são imensas e, com isto, um novo mundo abre-se à nossa frente. As redes mundiais de comunicação estão, praticamente, pulverizando as distâncias entre as pessoas. Os meios de comunicação, como o rádio e a televisão, já vinham proporcionando, cada dia mais, um contato direto com qualquer lugar do planeta. Com a Internet, as possibilidades de comunicação ganham um incremento

incomparável, remetendo-nos a um novo ponto de partida: para onde iremos agora?

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: navegar é preciso; viver não é preciso. Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: viver não é necessário; o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade, ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Fernando Pessoa

Como os antigos navegadores, que partiam com suas caravelas em busca de novos mundos, nós, agora, navegamos pelo cyberspaço à procura de informações, pessoas, instituições, dados...

A palavra de ordem neste momento é *navegar*. Incorporaremos esta palavra, já sem o itálico, pois navegar na rede já está sendo o cotidiano de muitos de nós. Em breve, certamente será também o seu! O sentido de navegar é o de podermos entrar na rede atrás de alguma informação e a partir deste impulso inicial de busca podermos estar em inúmeros outros espaços - ainda desconhecidos para nós - encontrando informações que, muitas vezes, nem imaginávamos estar disponíveis. Navegar é poder passear, poder caminhar - algumas vezes *sem destino!* - na busca de conhecimentos espalhados pelo mundo afora.

A Internet é, na verdade, uma meta-rede. Uma rede de redes, que nasceu nos Estados Unidos, na época da guerra fria, abrigada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos através da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA). O que se buscava na época, era construir algo que fosse descentralizado de tal forma que não pudesse ser destruído facilmente. A idéia pegou! Cada vez mais computadores foram sendo interconectados. Desenvolveu-se todo um protocolo (outra palavrinha chave) para que computadores de *raças* distintas pudessem *conversar* de forma *amigável*. Nasceu a Internet e grande parte da sua história está ocupando diariamente a mídia brasileira.

Uma estrada de mão dupla

Dentro da Internet encontra-se uma quantidade

muito grande de informações, localizadas em diversos pontos do planeta e o desafio é criar uma malha estrutural que viabilize a comunicação entre as diversas fontes de informações. Esta malha é constituída das diversas conexões entre os computadores, conhecidos como as Rodovias da Informação (*Information Highways*). A imagem é direta. Rodovias porque possibilitam o tráfego de uma **mercadoria** chamada **informação**. Este tráfego, diferentemente das estradas, transporta bits e não átomos, como gosta de diferenciar Nicholas Negroponte, um dos fundadores do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*). Os bits são as unidades básicas da computação. "Um bit não tem cor, tamanho ou peso e é capaz de viajar, à velocidade da luz. Ele é o menor elemento atômico do DNA da informação", diz Negroponte.⁽¹⁾

Estas rodovias estão sendo implantadas em quase todos os países do mundo e interconectando-se umas às outras, formando esta grande *malha rodoviária* mundial. Hoje, mais de 140 países estão interconectados à Internet. No seu início, a rede começou interligando nos Estados Unidos apenas as instituições militares e acadêmicas e, agora, já congrega, inclusive no Brasil, o setor comercial.

O desenvolvimento das tecnologias de compressão e do transporte de dados possibilitou uma maior comunicação entre computadores colocados em diferentes lugares do planeta e, com isso, seus operadores passaram a poder trocar informações escritas, áudio, imagens. Rapidamente, estes operadores foram sendo substituídos por pessoas iguais a nós, não-especializadas em computadores, que tomaram de assalto as salas de informática das instituições. Com isso, está surgindo uma nova convivência planetária entre indivíduos de diferentes culturas, matizes e credos.

Na Internet encontra-se de tudo. Entretenimento, compras, correio eletrônico, conferências e, principalmente, informação científica e cultural. Hoje, é possível realizar uma tarefa das mais elementares como pedir uma pizza (pizzahut.com), até enviar mensagens para os presidentes Bill Clinton dos EUA (president@whitehouse.gov) ou Fernando Henrique Cardoso do Brasil (pr@cr-df,mp.br), passando pelo desenvolvimento de pesquisas de supercondutividade envolvendo físicos do Brasil com outros de qualquer outra parte do mundo. Além disso, é possível realizar

compras de CDs (cdconnection.com), além de participar de conferências dentro de qualquer área do conhecimento, transferir arquivos sobre assuntos específicos que estão em servidores públicos globais, acessar bancos de dados de universidades e outras organizações espalhadas por todo o planeta.

Este vasto intercâmbio proporciona uma convivência não só regional e local mas, principalmente, universal.

No entanto, não é somente a busca de informações que importa. Mais fundamental ainda é a possibilidade de se fornecer as informações do nosso mundo mais próximo. A Internet, na sua plenitude, tem que se caracterizar por uma via de mão dupla. Uma estrada onde a comunicação se dará em função do movimento em duplo sentido. Por isso, não podemos e não devemos estar na Internet apenas para buscar informações, para saber o que está acontecendo do outro lado do planeta. É importante que possamos colocar para o mundo a nossa cultura, a nossa realidade econômica, educacional, social. Devemos poder, da mesma forma que chegamos virtualmente a Veneza para ver a programação do Festival Internacional de Cinema ou da Bienal, apresentar para o mundo a história do carnaval da Bahia, dos blocos e afoxés. Ao mesmo tempo, apresentarmos as *Análises & Dados* sobre o Negro, a Educação, a *Questão Urbana* na Bahia. Da mesma forma que podemos chegar à Biblioteca do Congresso Nacional Americano, devemos permitir que pesquisadores do mundo inteiro entrem em nossos computadores para pesquisarem na biblioteca do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA), tendo assim acesso aos mais de 14 mil volumes sobre a história dos africanos no Brasil. Da mesma forma que entramos nos computadores do Greenpeace

" No entanto, não é somente a busca de informações que importa. Mais fundamental ainda é a possibilidade de se fornecer as informações do nosso mundo mais próximo. A Internet, na sua plenitude, tem que se caracterizar por uma via de mão dupla "

